

O cinema negro norte-americano: Infiltrado na Klan e seu potencial histórico para o ensino em sala de aula

Julia Helena Menossi Rafael

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Jacarezinho - Paraná - Brasil

juliamenossidale@gmail.com

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar alguns aspectos da História do Cinema negro norte-americano e o impacto de suas narrativas resistentes e revolucionárias no cinema hollywoodiano de supremacia branca. Com isso objetiva também trazer como proposta de continuidade dessa resistência uma análise sobre o filme *Infiltrado na Klan* (2018), do cineasta Spike Lee, com base na questão racial. Por fim, traçar um paralelo histórico presente no filme com a perspectiva de analisá-lo em sala de aula através do uso do filme como fonte para o ensino de História considerando as diretrizes da Lei 11.645/2008.

Palavras-chaves: Cinema negro norte-americano. Questão racial. Lei 11.645/2008.

Introdução

Este artigo pretende, em um primeiro momento, após pesquisas e leituras feitas sobre o tema, trazer alguns aspectos da História do Cinema negro nos Estados Unidos sob uma perspectiva de lutas e conquistas de sujeitos que marcaram o início desse movimento artístico-político em contextos segregacionistas e discriminatórios da sociedade norte-americana e do próprio Cinema Hollywoodiano do final do século XIX.

Como proposta, este texto divide-se em três partes. A primeira é traçada desde as práticas de *Black Faces*¹, passando por termos estereotipados referentes aos papéis de personagens negros, pelos movimentos revolucionários da década de setenta como a *L.A. Rebellion* e o *Blaxploitation* até chegar no fim do século XX com conquistas e nomes consagrados responsáveis pelo surgimento de novas perspectivas para o cinema de Hollywood. No caso, como referência, o cineasta Spike Lee e suas produções com

¹ Consiste na prática de pessoas brancas em pintar a pele com tinta escura, se comportando de forma exagerada, falando errado; sendo preguiçosos; atrapalhados; sexualizados; violentos e animalescos, criando um estereótipo de ridicularização da negritude.

narrativas contestadoras e evidentemente necessárias sobre as populações negras nos Estados Unidos, principalmente sobre seu filme *Infiltrado na Klan* (2018).

A partir dessas contribuições sobre o Cinema Negro nos Estados Unidos, a segunda parte tem como objetivo trazer o filme *Infiltrado na Klan* (2018) e colocá-lo em cena. Um filme que emergiu referenciado para a elaboração de seu roteiro nos movimentos revolucionários *LA. Rebellion* e *Blaxploitation* da década de setenta, e apresenta uma história real da vivência do primeiro policial negro de Colorado Springs nos anos de 1970. Nesse seguimento será apresentada a ficha técnica, enredo do filme e análises sobre o conteúdo que contêm muitas abordagens históricas.

A terceira parte, sendo a discussão final, se projeta a pontuar sobre esse filme em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental e médio da disciplina de História, apresentando metodologias que possam contribuir com o planejamento para o desenvolvimento da aula e principalmente debater sobre a Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/2008, responsável por evidenciar a obrigatoriedade de temáticas étnico-raciais com o objetivo de combate ao racismo e contribuição na positivação histórica de negros, negras e indígenas, em contrapartida à história oficial branca e europeizada.

O cinema negro norte-americano

Foram os irmãos Louis e Auguste Lumière que pela primeira vez projetaram um filme, consagrando o pioneirismo da invenção do cinema no ano de 1895. No entanto, responsável por inúmeras produções cinematográficas (cerca de 455 créditos de direção) a francesa Alice Guy Blaché, dirigiu, escreveu e produziu *La fée aux choux* (A Fada do Repolho) em 1896, caracterizada por uma natureza inovadora. Alice foi uma das grandes pioneiras do cinema, que caiu no esquecimento na História, evidenciando desde cedo uma indústria que se projetaria a uma visão de mundo machista e conservadora.

Desde seu surgimento, o cinema é considerado uma prática cultural que reproduz ideias sobre gênero, classe e raça através da representação, e como toda história, sua função produz subjetividades e é produzida por ela. Sendo assim, é evidente que com essa carga histórica do homem branco produzindo e sendo renomado neste meio, dificilmente a subjetividade de outros sujeitos perpetuara, como no caso de Alice Guy Blaché.

O cinema, ao produzir imagens, marca posições e papéis sociais, exprimindo e impondo crenças em um quadro imaginário da coletividade. Neste sentido, a imagem é categoria fundamental para compreender a potencialidade do cinema, ao conferir sentido e significado de valor às próprias imagens produzidas (TEIXEIRA FILHO; ANACLETO, 2013, p. 577).

O cinema, considerando os seus gêneros, implica em um entendimento sobre descobrir histórias fictícias ou reais a partir de propósitos estéticos. É no real que existe uma fonte inesgotável da qual o cinema desfruta, sendo capaz de expressar a condição humana e contribuindo com o desenvolvimento da consciência crítica. Exprime inúmeros pensamentos existentes no nosso mundo, como resistência, revolução, amor e esperança. E assim como pensamentos bons ele também reproduz tipos imaginários que, mesmo sabendo o quão desumano são, estão presentes em nossas realidades. São os casos da opressão, do preconceito e do racismo.

De acordo com os pesquisadores Samuel de Oliveira, Erickson Amaral e Roberto Borges (2021, p.158), o cinema enquanto indústria ao longo do século XX estabeleceu a produção e consumo de imagens de forma acentuada, estruturando uma específica relação entre raça e representação. Inseriu-se no dinamismo de poder idealizado e imposto entre o centro e a periferia do capitalismo, onde os países mais desenvolvidos no meio industrial reforçavam estereótipos colonialistas, histórias e representações racializadas. A pouca ou nula presença de grupos subalternizados (não brancos) na hierarquia da indústria cinematográfica favorecia a reprodução de estereótipos étnico-raciais distorcidos e, durante o século XX, a luta contra a perpetuação colonialista e a hegemonia da branquitude aderiu novos significados no âmbito cultural (OLIVEIRA; AMARAL; BORGES, 2021, p.158).

A representação equivocada e racista sobre as pessoas negras na arte é razoavelmente antiga, sua raiz é do século XIX (ainda durante a escravidão em muitos países, inclusive nos Estados Unidos). Por volta de 1820 através do *Black Face*, uma prática muito comum na “cultura” da época, no qual pessoas brancas se pintavam de preto na tentativa de replicar as características de negros, reforçava estereótipos raciais como forma de comédia, em um contexto em que esse povo nunca imaginaria poder subir em um palco e realizar sua própria performance.

Durante o século XX, essa prática se perpetuou, só que dessa vez nas telas do cinema, como uma espécie de “herança”. Nessa época era muito difícil um ator ou atriz negra atuar, tendo sua identidade e cultura apagadas do audiovisual, e sendo reproduzidas por atores brancos através dos *Black Faces*. Até mesmo personagens

originalmente negros/as, como o Otelo de Shakespeare eram encenados por atores brancos. Em 1915, foi lançado o filme com sucesso de bilheteria do diretor D. W Griffith, *The birth of a nation* (O nascimento de uma nação), que evidenciava mensagens racistas representando os negros como animais e o grupo de ódio Ku Klux Klan² como os salvadores e patrióticos. Esse filme, inclusive, foi um dos marcos da repressão ao povo negro nos EUA durante o século XX.

A maioria dos papéis realizados pelos/as negros/as em Hollywood eram carregados de estereótipos. Por exemplo o famoso homem que trabalhava e servia os brancos de forma submissa, conhecido como “Tio Tom” ou “Jim Crow”, termo comumente utilizado por brancos para definir negros, os quais consideravam menos desenvolvidos intelectualmente ou preguiçosos e espertinhos. Inclusive esse termo foi utilizado para definir a Lei de segregação racial, a Lei Jim Crow³. Já a mulher negra trabalhava para uma família de brancos e cuidava das crianças, conhecida como “Mammy”. A passos lentos, o primeiro negro a conseguir um papel de protagonista foi Saint Lucas na adaptação do livro *A cabana do Pai Tomás* em 1915, livro responsável pela criação do termo “Tio Tom”.

Mesmo que com papéis secundários ou pejorativos, artistas negros nunca deixaram de se esforçar para pelo menos “pavimentar a estrada” para os futuros atores e atrizes que lutariam pela mesma causa. No ano de 1929, com o filme *Hallelujah* (Aleluia), dirigido por King Vidor, com o elenco majoritariamente negro (buscando algo mais revolucionário que o próprio cinema, segundo afirmações dos produtores), conta a história de um homem perdido entre o divino e o carnal, em uma sociedade fadada ao trabalho, buscando revelar “o preço do capital”, onde a simplicidade não é o bastante para um mundo sustentado nas amarras do capitalismo. Mesmo assim, o filme ainda reforçava os estereótipos da época. Os personagens (negros), que mesmo vivendo em situações não dignas, eram despreocupados e não críticos com o sistema em que viviam. Os atores negros foram ignorados pela crítica e pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, que deu o único reconhecimento ao filme, para King Vidor, de melhor diretor, que por sinal era branco.

² Organização criada no século XIX, tornou-se um grupo terrorista que perseguia, espancava e assassinava o povo negro no sul dos EUA.

³ Em vigor desde a reconstrução Pós-guerra-civil, exigiam a separação das raças nos ônibus, restaurantes e locais públicos no sul dos EUA.

A primeira atriz negra a ganhar um Oscar foi Hattie McDaniel no ano de 1940. Filha de ex-escravizados, recebeu o prêmio pelo papel de “Mammy, a escrava fiel” no filme *Gone with the wind* (E o vento levou), datado de 1939. Dirigido por Victor Fleming e produzido por David O. Selznick é considerado o maior representante da “era de ouro” do cinema Hollywoodiano. Segundo crítica de Patrícia Visconti (2020, [s.p.]) “marcado pela idealização de seu tempo discordante com a atual interpretação da época”, há no filme a romantização dos Confederados (escravistas do Sul), posto que a história é contada pela perspectiva sulista, onde as pessoas escravizadas eram retratadas de forma feliz e fiéis aos seus senhores. Durante a premiação do Oscar, a atriz e seu marido ficaram em um canto escuro e isolados, porque no local era proibida a entrada de negros/as.

O mais impressionante disso tudo é que demoraria cerca de vinte anos para um outro negro ganhar um Oscar. O ator Sidney Poitier, responsável por papéis incríveis no cinema de Hollywood, assumiu esse protagonismo e levou o prêmio em 1964 aos 37 anos com o filme *Uma voz na sombra*. Em 1967 o mesmo ator estrelou o filme *No calor da Noite*, onde pela primeira vez aparece um homem negro batendo em um branco. No ano de 1968, acontece o primeiro beijo inter-racial com o filme *Star Trek*, logo depois de ter sido revogada a lei que impedia casamentos entre brancos e negros.

No contexto da indústria de cinema de Hollywood, as leis de segregação racial, a estética branca e a banalização da representação negativa de não brancos culminaram na “sobrevivência” dessas populações marginalizadas, transformando a repulsa em arte. Segundo Bell Hooks (2019, p.184) a resistência se fez através do “olhar opositor”, “o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de olhar – a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência”. Portanto, criou-se um consumo crítico, além de uma produção de uma estética original, que ficou conhecido como *black movies*, com exibição de imagens da negritude “como uma forma de representação que é capaz de nos constituir como novos tipos de sujeitos, e desse modo nos possibilita descobrir quem somos” (HOOKS, 2019, p. 184 e 203).

Segundo artigo publicado no Jornal Nexo e elaborado pela especialista em cultura Juliana Domingos de Lima, os anos 1970 são considerados fortemente revolucionários para o Cinema Negro. Foi quando o único professor negro da Universidade da Califórnia (UCLA), Elyseo Taylor, implementou um programa de étnico-comunicações para incentivar o ingresso de negros, asiáticos e latinos nas universidades. A *L.A Rebellion* ou Rebelião de Los Angeles foi um conjunto de obras realizadas por afro-americanos entre

a virada para os anos 1970 e o início dos 1990. No âmago efervescente da indústria estadunidense de cultura de massa, essas produções buscaram romper com as barreiras impostas pelo cinema hollywoodiano. Era necessário “reinaugurar” o cinema, o aproximando das vivências, desejos e sensibilidades da comunidade negra nos EUA.

A *L.A. Rebellion* tinha como objetivo produções direcionadas exclusivamente ao público negro. Como exemplos, *Killer of sheep* (O matador de ovelhas), de Charles Burnett, 1977, um dos mais aclamados desse cinema, que apresenta o cotidiano de uma família negra no bairro de Watts em Los Angeles no contexto da crise industrial estadunidense; *Daughters of the Dust* (Filhas do Pó) de Julie Dashie, 1991, que conta a história de descendentes de escravizados africanos que escaparam do tráfico e iniciam uma jornada na Carolina do Sul lutando por liberdade; o incrível *Bush Mama* por Haile Gerima (1979) longa-metragem sobre o drama e a emocionante história de Dorothy e seu marido TC durante a guerra do Vietnã; dirigido por Larry Clark, *Passing Through* (Dando um rolê), 1977, repleto de imagens e músicas de tirar o fôlego, busca capturar o poder do jazz e seu papel na luta afro-americana por igualdade; dentre tantos outros produzidos.

O ensejo para o audiovisual foi importantíssimo, em um momento em que o povo negro foi ganhando cada vez mais voz. Em todas as produções, desde diretor até atores e atrizes, todo o elenco era negro. Ao lado da *L.A. Rebelion*, o *Blaxploitation* foi outro movimento cinematográfico que nasceu da luta por direitos civis e pelo fim da segregação racial. Com ele, a sociedade afro-americana passaria a ser representada da forma que condiz com sua realidade: hábitos, costumes e riqueza cultural, principalmente sobre a música. Filmes elaborados com orçamentos muito baixos, como *Sweet Sweetback's Baadasssss Song* dirigido e protagonizado por Melvin Van Peebles; *Super Fly* de Gordon Parks Jr, ultrapassando em 1972 *O Poderoso Chefão* de Francis Coppola nas bilheterias. Durante seu auge, o cinema *Blaxploitation* produziu gêneros como gângsteres, faroeste, comédia e realismo social. Em sua maioria, refletiam sentimentos, fantasias, aspirações políticas e frustrações por conta da discriminação e invisibilidade civil.

De acordo com Santos (2022), esse movimento tem fortes ligações com o período político nos Estados Unidos e suas transformações, e projetava o protagonismo de negros e negras como atores e público alvo desse cinema. Foi um movimento fortemente identitário, consistente em muitos aspectos culturais com o povo negro, sendo eles a principal audiência, pois as narrativas trazidas pelo filme eram relacionadas

à violência e à marginalidade dos guetos, inspirando gerações e nomes conhecidos como Quentin Tarantino, com o filme *Django Livre* (2012), estrelado por Jamie Fox e Samuel L. Jackson, que bebe da fonte dos filmes *Blaxploitation* da década de 1970.

A mulher nesse movimento era considerada guerreira e forte, como no filme *Bush Mama*, de 1979, considerado uma das obras primas da *L.A. Rebellion*, citado acima. Em uma mostra organizada pelo Ministério da Cultura e Banco do Brasil intitulado “Tela Negra: o cinema do Blaxploitation”, os produtores Paula Furtado e Daniel Araújo (2011, [s.p.]) apontam que as personagens imortalizadas na tela por Pam Grier e Tamara Dobson - Coffy, Foxy Brown e Cleópatra Jones, “mulheres de uma sensualidade a flor da pele e preparadas para bater ou até matar quem as maltratassem – geraram uma linha infinita de mulheres detetives, policiais, caratecas e lutadoras nas séries da TV e no cinema”. Não havia mais artistas negros e negras com roupas rasgadas, submissos e empregados, agora são inspiradores, na linha de frente das batalhas, e protagonistas.

Muitos filmes não conseguiram sucesso por conta da supremacia branca instalada em Hollywood. Era uma luta do povo negro por voz em uma indústria fundada com base em códigos brancos. Para tanto, precisaram criar seus próprios estilos e identidades nos filmes. O *Blaxploitation* foi evidentemente necessário nos anos 1970. Garantindo a liberdade de criar suas próprias narrativas, esse movimento foi resistente e além de tudo revolucionário. Um cinema criado pelo povo negro para contar as vivências e as histórias desse povo por ele próprio. E mesmo que essa produção continuasse marginalizada, esse cinema abriu portas para diversos cineastas negros inspirando gerações seguintes como Charles Burnett, produtor do filme *O matador de ovelhas* em 1978, considerado um dos filmes mais importantes do movimento.

Em 1989 foi lançado *Faça a coisa certa*, de Spike Lee, que conta com atores como Samuel L. Jackson e Giancarlo Espósito. Este filme é essencial para compreender o racismo estrutural e doentio da sociedade contemporânea, onde habita uma forte desigualdade sociorracial. Apesar do filme não ter recebido o Oscar daquele ano, nada impediu a continuidade de Spike Lee em seu trabalho e, no ano de 1992, ele lança o clássico *Malcolm X*, protagonizado por Denzel Washington. O filme reconta a história de um dos maiores defensores do nacionalismo negro. Depois da *L.A. Rebellion*, da *Blaxploitation* e de Spike Lee, muitos filmes de caráter resistente e com uma proposta justa para a História do povo negro foram surgindo, como *Mudança de Hábito*, dirigido por Emile Ardolino (1992); *Bad Boys*, dirigido por Michael Bay (1995); *Duelo de Titãs*, do

diretor Boaz Yakin (2000) e *Todo Mundo Odeia o Cris*, uma autobiografia em comédia do ator Chris Rock (2009). Surgem também grandes atores como Denzel Washington, Danny Glover, Will Smith, Viola Davis, Samuel L. Jackson, Whoopi Goldberg dentre vários outros gigantes astros e estrelas negros e negras.

E uma das, se não a mais importante personalidade revolucionária de toda essa história, Shelton Jackson Lee, mais conhecido por Spike Lee, foi responsável por criar filmes contestadores e irreverentes que merecem toda atenção. Além dos já citados *Faça a coisa certa* e *Malcolm X*, o cineasta continuou na ativa produzindo filmes impactantes, como é o caso de *Infiltrado na Klan*, de 2018, que será analisado a seguir.

Blackkklanman

O filme *Infiltrado na Klan* (2018), tem como título original o nome do livro autobiográfico de Ron Stallworth, *Blackkklanman*. É uma obra cinematográfica lançada em 10 de agosto de 2018, nos Estados Unidos, dirigido por Spike Lee, com roteiro de Charlie Wachtel, David Rabinowitz e Kevin Willmott. O filme tem uma duração de 128 minutos e conta com a trilha sonora articulada por Terence Blanchard. A produção tem ainda o feito de contar com nomes de impacto no cinema mundial, como John David Washington, interpretando o policial negro e personagem principal, Ron Stallworth; Adam Driver que faz o papel de Flip Zimmerman, um agente policial judeu; Laura Harrier interpretando Patrice Dumas, uma jovem universitária e ativista do movimento negro, e o ator Topher Grace, que interpreta o político e líder da Ku Klux Klan, David Duke, além de outros. O filme conta a história de um policial negro que conquistou um feito histórico: se infiltrar na organização supremacista e reacionária Ku Klux Klan na década de 1970 do século passado.

Em resumo, o filme conta o trajeto do policial Ron Stallworth, que começa a trabalhar para a Polícia do Colorado durante os anos 1970. Esse período nos Estados Unidos é marcado pela radicalização da discriminação racial. Vale destacar também que a Ku Klux Klan se desenvolveu após a Guerra Civil, por volta de 1865 pelos ex-soldados do exército Confederado, reivindicadores dos interesses sulistas dos EUA. No geral, era uma região escravagista, onde defendiam a permanência do *plantation*. Enquanto o país, a partir da região Norte, promovia o fim da escravidão, as regiões do Sul se articularam para a separação do país formando os Estados Confederados da América. Com a derrota

dos sulistas e garantia de direitos ao povo negro, ascende-se a partir dos antigos soldados pertencentes ao exército confederado um sentimento supremacista, racista, segregacionista e terrorista.

A Ku Klux Klan é caracterizada por quatro fases, sendo a sua primeira a mais violenta de todas. Além dos assassinatos, colocavam os corpos em locais públicos a fim de tratá-los como troféu. Apesar de ter suas idas e vindas, desde seu surgimento (1865-1870), nunca deixou de existir e suas ideias foram disseminadas para outras regiões além do Sul, como o Oeste dos EUA, onde se localiza o Estado do Colorado. A segunda fase teve início por volta de 1915 no ano do lançamento de *The Birth of a Nation* (O Nascimento de uma Nação). Através desse filme foi criada uma imagem heroica do grupo, em uma perspectiva fantasiosa de “salvadores” e “justiceiros”, sendo considerado o motivo de seu renascimento. Nesta fase seus milhões de membros estavam espalhados por todo território dos EUA, ganhando influência política e acionando a xenofobia, o anticatolicismo e o antisemitismo.

A sua terceira fase se inicia no Pós-guerra em 1946, diante dos avanços no que diz respeito aos direitos da população afro-americana. A resposta da organização foi o aumento de ataques, onde a própria polícia foi investigada por ser passiva ou até mesmo colaborar com a Ku Klux Klan. Já na quarta fase, durante a década de 1970, em um período de lentas conquistas do povo negro nos EUA, havia poucos membros na organização, mas boa parte do território estadunidense ainda perpetuava a mentalidade discriminatória e violenta desenvolvida pelo grupo durante anos.

Durante cenas do filme, é notável o racismo sofrido por Ron no trabalho. As coisas começam a mudar quando ele se torna detetive e sua primeira tarefa é se infiltrar em um encontro de ativismo estudantil negro. Nesse evento, foi convidado um antigo membro do Partido dos Panteras Negras para palestrar sobre as injustiças sociais promovidas pela desigualdade racial. Ron acaba conhecendo Patrice, a líder desse movimento. Em sequência, o personagem encontra um anúncio no jornal, que convidava as pessoas para fazerem parte da Ku Klux Klan. Nesse anúncio, colocam como forma de contato um número de telefone. E é a partir daqui o início de toda a trama. Ron resolve ligar para a organização e se inscreve com seu nome verdadeiro. No decorrer do filme, mantém a comunicação com a Klan através de ligações e de cartas, chegando a tornar-se amigo do político e líder do grupo David Duke em conversas a distância. Quando Ron fazia as ligações, ao mesmo tempo, o parceiro policial Flip se passava por ele nos encontros presenciais, por ser um homem branco. Enquanto aconteciam os trâmites

como detetive, Ron acaba fazendo par romântico com Patrice, inclusive esconde sua identidade policial dela.

A trama vai ganhando mais atenção quando Flip, durante suas cenas, precisava tolerar os comentários antissemitas e disfarçar sua identidade judia perante as desconfianças de um dos membros da Klan que o acusava de ser judeu. Ron (depois que Flip se passou por ele nas reuniões e eventos presenciais do grupo), acaba sendo aceito e, ainda por cima, recebendo a proposta de David Duke para ser o líder das ações no Colorado. No geral o enredo do filme gira em torno disso. Durante essas missões, Flip e Ron conquistam feitos como impedir os ataques terroristas, principalmente as “famigeradas” queima de cruzeiros, e ainda evitam a explosão de uma bomba no meio do protesto antirracista articulado por Patrice.

Importante ressaltar que desde o início da investigação de Ron, os policiais de seu departamento o tratavam com ironia e se preocupavam mais com o *Partido dos Panteras Negras* do que com a própria Ku Klux Klan. Um dos policiais, (Landers) o qual é insinuado no filme uma suposta participação no grupo, insultava Ron e defendia a organização supremacista. De modo geral, os meses de investigação serviram para enfraquecer o grupo internamente. Ron coletou informações relevantes como nomes dos membros, ameaças de ataques, o armamento e a presença de militares filiados. Ron e sua equipe precisam interromper a investigação por ordens maiores, e é transferido a outro departamento de polícia.

De todo modo, a principal mensagem é um negro com carteira de membro da Ku Klux Klan ser algo tão absurdo que ultrapassou os limites da ficção, onde a realidade da trama foi a própria inspiração. E a façanha irônica de um homem negro que, agindo como si próprio, manteve contato, e foi visto pelos supremacistas brancos como um aliado e uma boa pessoa, sem ao menos o conhecerem de fato.

Para organizar a compreensão analítica do filme, o texto *Análise de filmes – conceitos e metodologia (s)*, de Manuela Penafria (2009, p. 2), sugere determinadas reflexões e métodos para esse desenvolvimento. Segundo ela, analisar um filme é fazer sua decomposição, através de dois componentes: a descrição e a interpretação. Justamente por isso, não será feita uma crítica em si, que se refere a avaliar e delimitar juízo de valor ao filme. O sentido principal dado aqui é de analisar como essa obra cinematográfica denuncia através de sua narrativa o racismo e ao mesmo tempo tem como objetivo ironizar a própria insensatez ideológica dos supremacistas brancos, que não conseguem desconfiar de um negro infiltrado no grupo.

Em relação ao conteúdo, o diretor recebeu em mãos uma história extraordinária, baseado em fatos reais, o livro *Blackklansman* (STALLWORTH, 2014), que se tornou uma obra cinematográfica que proporciona uma compreensão histórica da sociedade norte americana. Em “Acorde! O Cinema de Spike Lee” por Jaiê Saavreda (2018), o diretor recria a estética do cinema de *Blaxploitation* com o objetivo de expor ao público o lado racista que ainda permeia no país. Para Lee, “a onda conservadora que assola o mundo inteiro é uma realidade perturbadora que renova sua necessidade de questionar as convenções sociais e de produzir mais do que nunca filmes como *Infiltrado na Klan*” (SAAVREDA, 2018, [s.p.]). Com isso, fica em evidência em seus filmes os paralelos entre presente e passado, tendo como papel potencializar o enredo no jogo de História e Memória.

Ron Stallworth foi o primeiro policial negro do Estado do Colorado. O mesmo foi submetido a preconceitos raciais em sua entrevista ao se candidatar a vaga. Após participar do evento no qual Stokely Carmichael (Kwame Ture), o antigo *Black Panther*, discursou, Ron, infiltrado como policial, acabou conquistando uma promoção para detetive. Ao se deparar na saída do evento com o telefone da Ku Klux Klan, o filme inicia a apresentação da trama. Foram cerca de nove meses em contato com os membros da Klan, incluindo o próprio David Duke. Acabou realizando, ainda, o feito de ser nomeado a líder na organização e com a sua verdadeira identidade foi o agente de segurança mandado pela polícia para proteger David Duke durante uma visita no Estado. O feito de Ron impediu vários terrorismos da organização no Colorado e ainda revelou contato entre a Klan e o exército. O agente policial guardou por muito tempo o segredo, no entanto, em 2006 falou pela primeira vez em uma entrevista.

Interessante apontar que no início do filme são transmitidos flashes de referência ao período histórico dos Estados Unidos, a Guerra de Secessão, como já apontado acima. Quando finda a guerra, em 1865, é abolida a escravidão, e a sociedade estadunidense continuou discriminando a população negra, inclusive com o processo da segregação racial promovida pelo Sul com as Leis Jim Crow, durante 1876 a 1965. Essas leis chegaram ao ponto de separar e impedir os negros de estudarem com os brancos. A segregação foi seletiva em espaços como escolas, transportes e locais públicos. Isso tudo durou quase cem anos.

O ator Alec Baldwin⁴ interpreta o Dr. Kennebrew Beauregard, um confederado que no início do filme, anuncia na televisão a inconstitucionalização da segregação nas escolas a partir de 1954, algo que historicamente gerou uma onda de ódio racial. No anúncio, o discurso representa a mentalidade política estadunidense da época, onde o Dr. Kennebrew Beauregard faz afirmações reforçando o dever dos americanos brancos se revoltarem com a ideia de miscigenação e integração com os negros. O retorno da Ku Klux Klan, inclusive, pode ser lido como uma reação aos direitos recém conquistados do povo negro nos Estados Unidos.

Outra questão importante trazida no filme é o fato de o protagonista ser apresentado após a contextualização do filme. Ron se candidatando para trabalhar na polícia, e de primeira lê na porta do estabelecimento “aceitam minorias”, já posto em evidência a mentalidade discriminatória dos policiais. Logo na sequência, além da maneira que olhavam Ron, questionaram na entrevista coisas como conduta e modo de vida, tudo de maneira preconceituosa. E diante de todas essas ações de discriminação, Ron é obrigado a ser passivo.

Por fim, outra questão importante é a resistência negra trazida pelo filme. Interessante apontar, além de colocarem em cena toda a intolerância e situações negativas passadas pelo povo negro com ênfase na Ku Klux Klan, também trouxeram a outra face da moeda e positivaram a ação e autodeterminação do povo negro na época. É muito importante demonstrar a não passividade por parte de quem era alvo do racismo. Na própria cena da fala do ex-pantera negra, Kwame Ture, é demonstrado o engajamento e organização do povo negro perante as injustiças vivenciadas por eles no país. A narrativa do seu discurso envolve falas direcionadas à necessidade de assumir a negritude e da importância de definirem padrões de beleza negro. E enfatiza também o *black power*, além da guerra racial. Isso demonstra uma relação necessária e traz à tona nomes importantes da vida real na luta contra o racismo nos Estados Unidos, como o próprio Kwame Ture, que inclusive é o autor do slogan *black power* durante os anos 1960 e 1970. De fato, isso reafirma muitos outros ativistas e pessoas que lutaram contra toda essa opressão e discriminação racista, como Rosa Parks no Alabama, Martin Luther King, dentre muitos outros.

⁴ Responsável por ter atirado acidentalmente na diretora de fotografia Halyna Hutchins durante as gravações do filme *Rust*, 2020, dirigido por Joel Souza.

O filme aborda também a violência policial e o poder abusivo da polícia e dos políticos. Situações factuais e históricas, como a própria morte de Martin Luther King deixa suspeitas sobre o envolvimento governamental, mesmo após o criminoso ter sido condenado. O Partido dos Panteras Negras se organiza no âmbito político e revolucionário a partir de 1966, sendo responsável por confrontar a brutalidade policial contra os negros. Sempre auto defensivos, andavam armados para terem como se defender da violência policial, e para o FBI eram considerados ameaça interna. No filme, essa crítica é trazida quando acaba o evento em que Kwame discursa e a polícia, representada pelo agente Landers que discriminava Ron no trabalho, impede a passagem do carro onde estavam os ativistas e revista um por um com violência e atos de assédio moral e corporal, a cena ainda envolve ameaça de prisão. Quando Ron descobre, Flip relembra um assassinato de um menino negro cometido por Landers, no passado, no qual não sofreu consequências. Sendo possível aqui fazer um comparativo com a própria existência e permanência da Klan, diante da passividade policial perante cenas como essa.

Marcos Napolitano, referência brasileira nos domínios do uso do cinema como fonte histórica, traz em sua abordagem sobre o tema considerações pertinentes para compreender a retratação histórica apresentada pelo diretor do filme. Citando Pierre Sorlin (*apud* NAPOLITANO, 2008, p.67), “o filme histórico é um “espião da cultura histórica de um país, e de seu patrimônio histórico”. A obra de Spike Lee é uma adaptação responsável, neste sentido, ao ser evidenciado temáticas ideológicas no filme, a cultura histórica dos Estados Unidos, seja da supremacia branca, seja da resistência do povo negro.

Leva-se em conta a parte analítica de História e cinema depender de três aspectos. Em primeiro lugar a relação entre o passado (onde se passa a história), e o presente (contexto na qual a obra é produzida). Em seguida, o significado social da obra para os espectadores e, por último, como é observado o tensionamento entre a ficção e a história. “Em alguns casos, o historiador pode reproduzir esse fetiche em seu trabalho de análise, o que fica claro nos casos em que a análise é pautada pela avaliação do grau de “realismo” e “fidelidade” do filme histórico, em relação aos eventos “realmente ocorridos” (NAPOLITANO, 2014, p. 237).

Nisso se encontra a raiz do problema, ou sua solução: a interpretação do filme. Essa é a chave para entender a visão de mundo do diretor, através da abordagem do seu ponto de vista. Evidenciando a necessidade do debate fílmico em sala de aula, a disseminação de ideias tem seu lado positivo e negativo, pois a noção interpretativa varia

de acordo com a subjetividade de cada sujeito, e aproximar o/a aluno/a da interpretação histórica baseada em fatos, através de métodos e conceitos, o afasta de problemas capitais que a História vem enfrentando atualmente, como relativização e o anacronismo.

Feito essas contribuições e apontamentos sobre o Cinema Negro norte-americano e sobre o filme *Infiltrado na Klan* (2018), é pertinente levantar aqui quais estratégias e métodos podem ser adotados e pensados para a análise desse filme em sala de aula especificadamente nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, e de que forma a Lei 11.645/08 pode auxiliar e elucidar essa proposta.

Infiltrado na Klan (2018) em sala de aula e a Lei 11.645/2008

Desde a sanção da Lei 10.639 de 2003⁵ no Brasil, cujo objetivo é incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em todo o cenário da educação se projetava um caráter de positividade e ressignificação da História do povo negro. Já no ano de 2004 se aprofunda com a Educação das Relações Étnico-Raciais, onde no Brasil há a convivência tensa da cultura e do padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. E mesmo que metade da população seja composta por negros (de acordo com o último censo do IBGE em 2010), ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidão e valoriza as raízes europeias, desqualificando as demais, como indígena, africana e asiática. Já no ano de 2008, sob sanção do presidente Luís Inácio, é decretada a lei 11.645/2008, que altera a lei nº 9.394/1996, modificada pela lei 10.639/2003 no Art. 26-A afirma no inciso 1º:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008, [s.p.]).

⁵ Em 2003 entrou em vigor a lei 10.639 tornando obrigatório o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio, cinco anos mais tarde, em 2008, a lei 11.645 instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e cultura indígena, modificando a lei 10.639/2003, com essa complementação. Essas leis, servem como instrumentos de orientação para o combate à discriminação, e também como leis afirmativas, em reconhecer a escola como lugar da formação de cidadãos e a necessária valorização e respeito pelas matrizes culturais brasileiras.

Neste sentido, ao planejar as aulas na disciplina de História, essa lei servirá como aporte no que diz respeito às políticas afirmativas de reparação, reconhecimento e valorização da História e cultura, resgatando todas as contribuições do povo negro nas áreas social, econômica e política da História do Brasil. Nilma Lino Gomes (2011, p. 147), em seu trabalho intitulado “Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação”, ressalta que o avanço na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-racial vai acontecer quando fundamentalmente os educadores buscarem compreender que o próprio dinamismo educacional é formado por dimensões como ética, diferentes identidades, diversidade, sexualidade, cultura, relações raciais e outras.

A existência de uma lei não significa automaticamente o cumprimento dela, afinal, a construção histórica e estrutural do racismo no Brasil não se apaga com uma lei. É fundamental direcionar o foco da superação dessa desigualdade sociorracial dentro das instituições de ensino básicas e superiores, através da ampliação do debate. Dessa maneira, a utilização da cinematografia como recurso pedagógico para essas questões pode ser considerada frutífero. Segundo a educadora Keila Souza de Oliveira (2015, p.46), “utilizar filmes como uma possível fonte de pesquisa é uma das probabilidades para se trabalhar a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em sala de aula. O cinema nos permite ampliar a reflexão, desde que sejam pesquisadas outras fontes que possam ir além do currículo oficial”.

Considerando o fato de que para José d’Assunção Barros (2007) o Cinema é uma arte e traduz a relação social do público e privado, ela também revela um universo com infinitas linguagens e possibilidades de reflexões sobre a sociedade contemporânea. Isso é intencionalmente presente nas abordagens do Cinema Negro. Keila Souza de Oliveira (2015, p.48) salienta que “ao desenvolver reflexões sobre formas e funções da cinematografia e a Lei 10.639/03, evidenciamos um processo de construção de identidade através das lutas dos movimentos sociais e suas conquistas”. Caminhando com essas afirmações da educadora, o filme *Infiltrado na Klan* de Spike Lee não só é uma produção audiovisual do negro para o negro, mas também fonte de reflexão impactante para os próprios brancos e, por isso, (visto que o próprio diretor tinha como objetivo esse choque de realidade no imaginário da branquitude estadunidense) seu uso em sala de aula tem tudo para tornar o exercício reflexivo mais efetivo.

Há possibilidade de trabalho com ele a partir do 8º ano do Ensino Fundamental até o ano final do Ensino Médio. No 8º ano, por exemplo, na unidade temática

“configurações do mundo no século XIX”, essa aula pode ser trabalhada no conteúdo “pensamento e cultura: darwinismo social e racismo”, presente na habilidade (EF08HI27) da BNCC (BRASIL, 2017). Uma outra oportunidade, já no 9º ano, é “afro-americanos e racismo: pluralidades étnicas no mundo globalizado” com a habilidade da BNCC (EF09HI36). Devemos considerar o fato de que, durante o Ensino Médio, boa parte do conteúdo de História é uma “revisitação” ao que já se estudou nos anos anteriores, e com a recente reforma, as habilidades e competências estão englobadas em “Ciências humanas e sociais aplicadas”, não sendo específicas como no ensino fundamental. Para tanto, cabe ao professor/à professora essa identificação no plano de aula, dependendo do conteúdo programático presente no currículo de cada série do ensino médio.

Com o intuito de projetar mudanças na consciência e na postura da sociedade através das instituições de ensino, a utilização de ferramentas midiáticas, como cinema e música, possui um potente alcance e, também, sensibilização, principalmente quando se trata de uma história real sobre as lutas por identidade e igualdade da população negra de forma revolucionária.

O uso do cinema como fonte histórica em sala de aula é recente se comparado às demais fontes. De acordo com Lopes (2015), a partir da perspectiva historiográfica da *Escola dos Annales*, o cinema passou a ser considerado uma ferramenta didática e somente a partir de 1970 visto como fonte histórica. Usá-lo é fugir de metodologias tradicionalistas da História. A partir do momento em que o historiador busca por outras respostas, se renovam as fontes e os métodos, assim como se renova a transformação de um fato em um saber histórico. Segundo Valin (2012, p. 285) na obra *Novos Domínios da História*:

O cinema não é apenas uma prática social, mas um gerador de práticas sociais, ou seja, o cinema, além de ser um testemunho das formas de agir, pensar e sentir de uma sociedade, é também um agente que suscita certas transformações, veicula representações ou propõe modelos. Sendo assim, investigar os meios pelos quais alguns filmes buscam induzir os indivíduos a se identificar com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes e quais as rejeições a essas tentativas de dominação propicia uma visão mais crítica da sociedade.

O cinema pode ser usado como recurso educativo de forma eficaz por reproduzir imagens e narrativas com trilha sonora, conseguindo ampliar a experiência com a história trazida, tornando o exercício mais elucidativo. Novamente citando Marcos Napolitano (2003, p. 28): “um filme pode ser usado como fonte quando o professor

direcionar a análise e o debate dos alunos para os problemas e as questões surgidas com base no argumento, no roteiro, nos personagens, nos valores morais e ideológicos que constituem a narrativa da obra”.

Com *Infiltrado na Klan*, a linha de raciocínio é evidentemente essa. Se o período a ser tratado é a Guerra de Secessão (1861-1865), é necessária a contextualização prévia, antes de mostrar cenas do filme. No início do filme são mostrados recortes de cenas gravadas referentes aos Estados Confederados da América, além do discurso do político David Duke que pregava ódio contra os negros, afirmando inferioridade e exaltando a supremacia branca. Em seguida é apresentado o vídeo do Dr. Kennebrew Beauregard de quando os negros passam a poder frequentar as mesmas escolas que os brancos frequentavam. Esse início do filme tem como objetivo impactar os espectadores, já demonstrando como o povo negro era visto pela maioria da população estadunidense nesse contexto.

O filme, portanto, pode ser trabalhado em sala de aula com temas como: Treze Colônias e o processo de escravidão; a Guerra Civil dos Estado Unidos; Segregação Racial; Movimentos Sociais e Políticos de Legitimação do Povo Negro, como o próprio Partido dos Panteras Negras. Existem alguns métodos históricos que podem auxiliar na projeção da aula para que de certa forma traga impacto na vida dos alunos. Uma das maneiras de trazer o tema da aula mais próximo do aluno é através da História Comparada. Essas situações trazidas à tona no filme são de grande relevância, a ponto de interligar com a História no Brasil, discutindo-se as semelhanças ou diferenças entre os dois contextos históricos, tratando-se da questão racial desde o Brasil Colônia, as Treze colônias e as pessoas escravizadas nesse contexto até a política de encarceramento em ambos os países atualmente. Isso pode dar um aspecto diferente, levando a aula a desenvolver um caráter de justiça social e racial no imaginário dos alunos, promovendo a conscientização.

Esses temas conversam entre si, e uma outra proposta metodológica que pode ser muito enriquecedora seria a aula sob a perspectiva na Didática da História, uma abordagem formalizada para ensinar História em disciplinas primárias e secundárias a partir do historiador alemão Jörn Rüsen (2001). Com o uso da consciência histórica essa didatização torna-se ainda mais completa, sendo não somente o conhecimento do passado, mas um meio de entender o presente e antecipar ou projetar o futuro. Na reflexão histórica sobre passado e presente seria interessante apontar como é a polícia estadunidense atualmente, se ela tem mudanças e permanências, trazer situações atuais

como o caso George Floyd⁶. Aqui também se pode fazer uma História comparada com o Brasil e a violência policial brasileira, evidenciando todas essas situações com exemplos dados a partir de fatos ocorridos recentemente.

A aula pode se direcionar também a compreender o povo negro na História dos Estados Unidos (um país altamente escravocrata, aproveitador do tráfico de africanos), no sentido de desenvolver o entendimento de como se deu a vida dessas pessoas após a abolição, com a segregação, políticas de inclusão, discriminação e o racismo. Discutir como se deu a participação da população negra em diferentes momentos da História dos Estados Unidos, dado que segundo o Departamento do Censo dos Estados Unidos (2020), apenas 12,4% da população no país é autodeclarada negra (41 milhões). O país conta com 331,9 milhões de habitantes, desses, 204 milhões são brancos, ou seja, 61,6%, uma diferença bastante considerável, que também pode ser entendida através do desenvolvimento dessa aula.

No geral, é um filme muito impactante, justamente por ser baseado em fatos reais. A forma como o aluno e a aluna receberão aquelas informações e cenas é diferente daquilo que é ficcional e o *feedback* pode ser altamente positivo. Antes de entrar em qualquer um desses temas colocados acima, é necessário sempre uma contextualização, apresentando as características e os motivos de cada acontecimento sobre o tema a ser tratado, de acordo com o planejamento da aula e do/a professor/a.

Conclusão

Em virtude dos fatos apresentados cabe salientar que, graças ao processo de ressignificação da imagem da população afro-americana nas produções audiovisuais, o ambiente cinematográfico pôde ser enxergado como uma fonte histórica importante na luta pela reconstrução do imaginário tanto sobre o povo negro quanto demais grupos étnico-raciais que também lutam por este espaço. O mais enriquecedor nisso tudo é que essas produções, como *Infiltrado na Klan*, têm muito a contribuir para o ensino de História, principalmente quando englobam temas com narrativas históricas tão

⁶ Na cidade de Minneapolis localizada no norte dos EUA, no estado de Minnesota em 25 de maio de 2020, George Floyd de 46 anos morreu sufocado sob o joelho do policial branco Derek Chauvin. O ato foi gravado por uma mulher que estava perto, gerando uma onda de revolta posteriormente. O policial foi declarado culpado de assassinato em segundo e terceiro grau e homicídio culposo após três semanas de julgamento.

pertinentes para a compreensão da sociedade em aspectos sociais, políticos, raciais, de gênero, dentre tantos outros, que devem ser levados a compreensão em sala de aula com auxílio do professor pesquisador.

“AMERICAN BLACK CINEMA: INFILTRATING THE KLAN AND ITS HISTORICAL POTENTIAL FOR CLASSROOM TEACHING”

Abstract: The present text aims to point out some aspects of the History of Black American Cinema and the impact of its resistant and revolutionary narratives in Hollywood cinema of white supremacy, with this objective also bringing as a proposal of continuity of this resistance an analysis about the film *Infiltrated in the Klan* (2018), by filmmaker Spike Lee, based on the racial issue. Finally, draw a historical parallel present in the film with the perspective of analyzing it in the classroom through the use of the film as a source for teaching History considering the guidelines of Law 11.645/2008.

Keywords: American Black Cinema. Race issue. Law 11.645/2008.

“EL CINE NEGRO NORTE-AMERICANO: INFILTRADOS EM EL KLAN Y SU POTENCIAL HISTÓRICO PARA LA ENSEÑANZA EM EL AULA”

Resumen: El presente texto pretende señalar algunos aspectos de la Historia del Cine Negro Americano y el impacto de sus narrativas resistentes y revolucionarias en el cine hollywoodense de la supremacía blanca, con este objetivo también traer como propuesta de continuidad de esta resistencia un análisis de la película *Infiltrados en el Klan* (2018), del cineasta Spike Lee, basada en la cuestión racial. Por último, trazar un paralelo histórico presente en la película con la perspectiva de analizarla en el aula a través del uso de la película como fuente para la enseñanza de la historia considerando las directrices de la Ley 11.645/2008.

Palabras clave: Cine Negro Norte-americano. Problema racial. Ley 11.645/2008.

Referências

A HISTÓRIA de como os negros ressignificaram o Cinema (1900-2020). **Cérebro Espacial** – Feat. Convidados. [Canal do Youtube], 28 de junho de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5iMl4bo4xc8>. Acesso em: 19 dez. 2021.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro-posições**, V. 28, N.1 (82), p. 55-80, jan./abr. 2017.

BARROS, José d'Assunção. Cinema e história – As funções do cinema como agente, fonte e representação da história. **Ler História**, 52, 2007, p. 127-159.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 25 de jul. 2023.

BUSH **Mama**. Haile Gerima. Estados Unidos: 1979.

CINE CLICK. **Conheça a trajetória e os marcos do Cinema Negro**. [s.d.]. Disponível em <https://cineclick.uol.com.br/noticias/trajetoria-marcos-cinema-negro>. Acesso em 15 dez. 2021.

DAUGHTERS **of the dust**. Julie Dash. Estados Unidos: Cohen Film Collection:1991.

FURTADO, Paula; ARAÚJO, Daniel. **Tela Negra: o cinema do Blaxploitation**. São Paulo e Rio de Janeiro: Ministério da Cultura e Banco do Brasil, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre, v.27, n.1, p.109-121, jan./abr.2011.

GONE **with the wind**. George Cukor; Sam Wood; Victor Fleming/ David O. Selznick. Estados Unidos: 1939.

GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; ANDRADE, Tatiane de. O uso da lei 10.639/03 em sala de aula. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, Vol. 2, nº. 6, p. 421-430 — Edição Especial, agosto de 2013.

HALLELUJAH. King Vidor. Estados Unidos: 1929.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019, p.182-203.

INFILTRADO **na Klan**. Spike Lee. Estados Unidos: QC Entertainment, 2018.

KILLER **of sheep**. Charles Burnett. Estados Unidos: Milestone film & Steven Soderbergh, 1977.

LIMA, Juliana Domingos de. O que foi a L.A Rebellion, movimento do cinema negro nos EUA. **Nexo**, 2019. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/02/23/O-que-foi-a-%E2%80%98L.A.-Rebellion%E2%80%99-movimento-do-cinema-negro-nos-EUA>> Acesso em: 19 dez. 2021.

LOPES, Daniela. O cinema na aula de história: discurso é prática pedagógica. In: **Simpósio Nacional de História**. XVIII. 2015, Florianópolis. Anais. p.1-17. Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439597791_arquivoocinemanaauladehistoria-anpuh2015.pdf. Acesso em: 20/07/2023.

MORURA, Luís Fernando; GUIMARÃES, Victor. Pérolas Negras – L.A Rebellion. IMS, 2019. Disponível em: **Pérolas negras - L.A. Rebellion** - Instituto Moreira Salles (ims.com.br). Acesso em: 19/07/2023.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª Ed, São Paulo: Contexto, 2014, p. 235-291.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, de Samuel; AMARAL, Erickson; BORGES, Roberto. **“Cinema Negro”**: Trajetórias e perspectivas estéticas em entrevistas de história oral com três artistas. São Paulo: Projeto História, 2021.

OLIVEIRA, Keila Souza de. **A dimensão pedagógica do Cinema Negro**: articulações sobre a Lei 10.639/03 e a imagem de afirmação positiva do negro. Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação. Cuiabá, 2015.

OMELETE. **De Will Smith a George Floyd**: como realidade e ficção se unem ao abordar racismo. 2020. Disponível em < <https://www.omelete.com.br/filmes/will-smith-george-floyd-realidade-ficcao-se-unem-abordar-racismo> > Acesso em: 19 dez. 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceitos e metodologia (s). **VI Congresso SOPCOM**, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica - teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: EdUNB, 2001.

SAAVREDA, Jaiê. **Acorde! O cinema de Spike Lee**. Ministério da Cultura e Banco do Brasil, 2018.

SANTOS, Amanhada. O que é Blaxploitation? **Onze trinta**, 2022. Disponível em < <https://www.onzetrinta.com/single-post/o-que-%C3%A9-blaxploitation-onzetrinta> > Acesso em: 28 dez. 2021.

STALWORTH, Ron. **Blackkkklansman - a memoir**. New York: Flatiron Books, 2018.

SUPER fly. Gordon Parks Jr/Sig Shore. Estados Unidos: Superfly Ltda.: 1972.

SWEET Sweetback’s Baadasssss Song. Melvin Van Peebles/Jerry Cross. Detroit: 1971.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; ANACLETO, Aline Ariana Alcântara. A reflexão de uma estética feminista no cinema brasileiro. In: **Anais do colóquio nacional de estudos de gênero e história**, 2013. LHAG/UNICENTRO, 2013.p.572-581.

Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/wp/lhag/files/2013/10/Aline-Anacleto-e-Fernando-Teixeira-Filho.pdf>>. Acesso em 20/07/2023.

THE birth of a nation. D.W Griffith. Estados Unidos: 1915.

VALIN, Alexandre Busko. História e cinema. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VISCONTI, Patrícia. [Crítica] “E o vento levou”. **O barquinho cultural**, 2020. Disponível em <<https://obarquinhocultural.com/2020/06/26/critica-e-o-vento-levou/#:~:text=Mesmo%20com%20a%20dualidade%20de,tudo%20tinha%20que%20ser%20deslumbrante.>> Acesso em: 25 de jul. 2023.

SOBRE A AUTORA

Julia Helena Menossi Rafael é graduada em história pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Recebido em 23/02/2023

Aceito em 30/08/2023